

# BRASIL-PORTUGAL

ДИРЕКТОР — Augusto de Castilho.  
ПРОПРИЕТАРИА — A empresa do *Brasil-Portugal*  
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE AGOSTO DE 1911

N.º 301

## Ourivesaria portuguesa

### Uma baixella monumental



Algumas peças da monumental baixella offerecida pelos habitantes da provincia de Moçambique ao seu antigo governador o major de engenharia sr. Freire de Andrade

(Phot. de J. Benoitel)

## No Theatro Nacional

Interpretação do theatro moderno pelos alumnos do Conservatorio



Sarah Lima e Ilda Ferreira na «Saga de Pedro o Afortunado»

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Calma. Calma em tudo. Corpos encalmados, espiritos acalmados. As constituintes, Regresso do sr. Affonso Costa à actividade politica. As suas opiniões. O que pensarão os outros. — As provas publicas dos alumnos do curso dramático do Conservatorio de Lisboa. — O caricaturista Leal da Camara em Lisboa. A sua conferencia no Theatro da Republica e a exposição dos seus trabalhos no Theatro Nacional. Ninguém é caricaturista na sua terra. — A baixella offerida ao sr. Freire de Andrade. — Festas sportivas: a regata da Taça Lisboa.

**C**ALMA absoluta. E quando digo calma, não me refiro em especial a isto ou aquillo. A calma é geral: corpos encalmados, espiritos acalmados. Do alto da cupula azul do Infinito, o sol dardeja implacavelmente os seus raios de fogo, abrasando as poucas enxundias que nos restam d'um tempo em que era facil engordar; do alto da tribuna parlamentar os senhores deputados ás constituintes acalmam os espiritos aterrados, provendo ao bem geral com as suas palavras tambem inflamadas, por vezes candentes, mas sempre beneficas.

E, diga-se de passagem, a inclemencia d'este verão tem posto á prova mais rude o patriotismo dos deputados. Por mim fallo: nada, absolutamente nada, n'este mundo de enganos, me obrigaria a supportar a temperatura da sala de S. Bento, com dusetas pessoas lá dentro, durante cinco, seis horas, quando ainda por cima não vem — o contrapelo de uma sessão nocturna



Interpretação do theatro moderno pelos alumnos do Conservatorio  
«A Escoria», peça de Maximo Gorki

(Phot. de J. Benoliel)

para esfolia de gatos — ou seja para a extincção dos conspiradores por meio dos pós de Keating de uma lei que uns dizem ser de excepção, que outros preconizam como remédio grande — o grande remedio exigido pelo grande mal.

Honra lhes seja feita. Os deputados não arredam pé. E as discussões proseguem mais ou menos vagarosamente, mas proseguem, sem soluções de continuidade para uma carapinhada refrigeradora ou um pãozinho com fiambre confortativo. Por vezes ha birras, a discussão azeda-se, a fervura levanta e o caldo entorna-se um pouco. Mas logo mão sollicita tira algumas achas do lume, destempera a panella com um pucaro de agua fria e os trabalhos continuam sem entraves.

— Eu não tive a intenção de magoar v. ex.<sup>a</sup>

— Registo com prazer a declaração de v. ex.<sup>a</sup>

Vozes — Muito bem! Muito bem!

— Está em discussão o artigo tantos.

E discute-se o artigo tantos e tantos mais artigos quantos é possível discutir.

Um dos factos notaveis d'esta quinzena parlamentar foi a reaparição, no palacio das côrtes, do ministro da justiça, dr. Affonso Costa.



Interpretação do theatro moderno pelos alumnos do Conservatorio  
Sarah Lima, Almada e Ilda na «Intrusa», peça de Maeterlink

Foi na quarta-feira 26. O antigo parlamentar, que uma doença pertinaz obrigara a ausentar-se de toda a vida activa, retomou posse do cargo de ministro da justiça e pouco depois apresentou-se em S. Bento, onde os deputados o acolheram com manifestações de apreço.

O dr. Affonso Costa, em cujo rosto se vêem vestigios de sofrimento, ainda doente, a ponto de esperar a sua sahida do ministerio para apprehender uma longa cura no mais absoluto repouso, como elle proprio declarou a um jornalista que o foi entrevistar sobre coisas da politica nacional, é de opinião que o partido republicano não deve dividir-se, antes deve proseguir, com cohesão, dentro e fóra do parlamento, e preconisa, para tal fim, a investidura na magistratura suprema do paiz n'um homem alheio a paixões e capaz de manter essa cohesão tão necessaria, segundo as suas proprias palavras, á consolidação da republica e á conclusão da obra vastissima que ella deve realisar.

Vamos agora a vêr se os outros correligionarios estão pelos ajustes.

Pela segunda vez os alumnos do curso de arte dramatica do Conservatorio de Lisboa se apresentaram em publico, no Theatro Nacional, dando provas do seu aproveitamento. D'esta feita as provas foram prestadas pela representação de peças modernissimas — o *dernier cri* da dramaturgia avançada: Meterlinck, Gorki, Ibsen, etc.

Bem a nosso pesar não assistimos á recita; mas não está nos nossos habitos desobedecer áquella sabia sentença que manda não assistir a boda ou baptisado para que se não seja convidado. Não será esse motivo bastante a relegarmos para o esquecimento a symphatica festa a que assistimos apenas com a nossa boa vontade, aqui mesmo, em casa, porque já agora estamos convencidos de

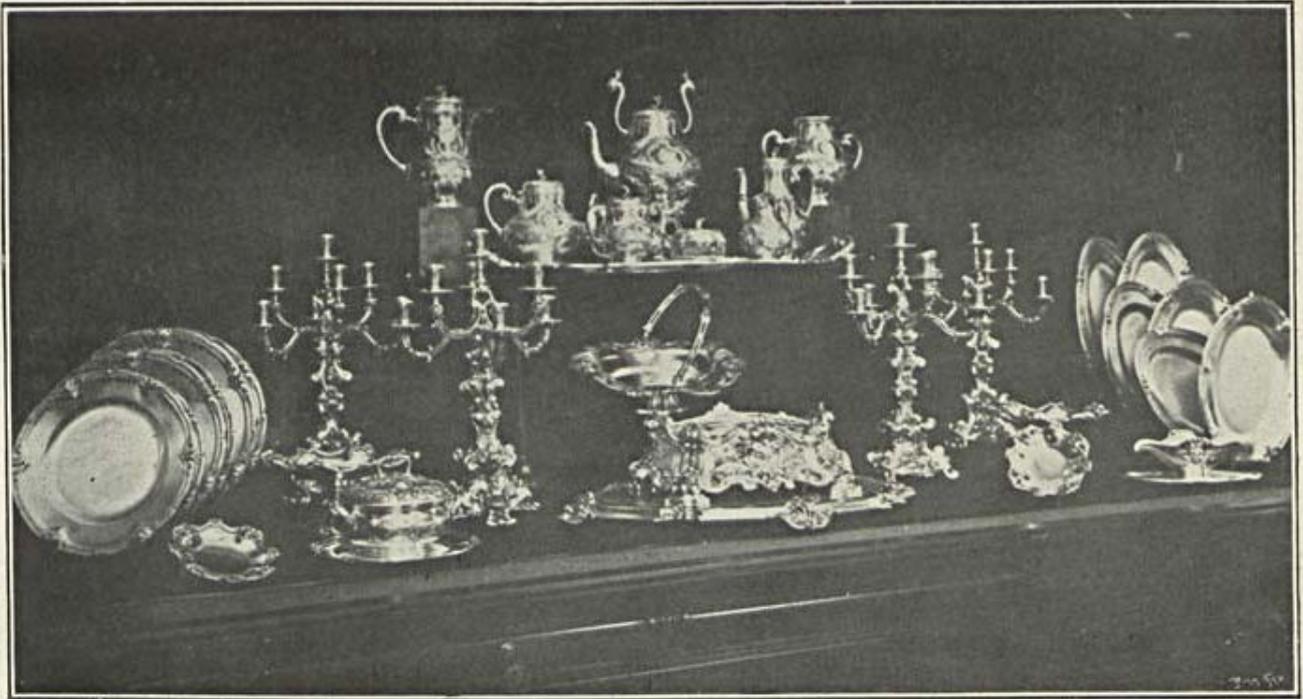
resultados do seu intelligente e corajoso esforço ahi ficaram patentes nas duas provas publicas. Oxalá que quem superintende n'estas malfadadas coisas do theatro portuguez secunde com a sua auctoridade, com o seu poder, a obra que pode ser considerabilissima do illustre dramaturgo.

E pensar a gente, Senhor de Misericordia, que bastaria um pouco de boa vontade, um tudo-nada de devoção!...

Leal da Camara que veiu a Lisboa por convite da direcção do jornal de caricaturas *A Satyra*, realisando no theatro da Republica uma conferencia que as moscas ouviram attentamente, não se mostrando sequer assarapantadas com as projecções luminosas,

## Ourivesaria portuguesa

### Uma baixella monumental



Uma parte da baixella offerecida pela provincia de Moçambique ao seu antigo governador sr. major Freire de Andrade

(Phot. de J. Benollet)

que não ha benzina que nos arranque esta nodoa do bem querer a coisas de theatro.

Pessoa idonea nos informou amavelmente ácerca do caso. As provas decorreram brilhantemente, pondo os rapazes em evidencia, alem de naturaes recursos e aptidões, estudo e boa vontade. Quero crêr. E se assim foi, temos gente. Muito folgo registando o acontecimento cuja importancia é inegavel por muito que isso pese aos detractores do Conservatorio, cuja maldade corre parêlhas com a sua provada jumencia.

Com uma sabia e honesta remodelação, aquelle estabelecimento pode e deve prestar relevantissimos serviços ao Theatro Nacional. Estou mesmo em dizer que só d'essa sabia e honesta remodelação depende a resurreição do theatro portuguez, que toda a gente teima em vêr perdido... porque não ha quem escreva peças.

Effectivamente não ha muito quem escreva peças. Mas sejamos justos: ainda ha menos quem as represente.

Muito pela mansinha, sem alardes, o sr. Julio Dantas está fazendo obra valiosa na direcção suprema do Conservatorio. Os

deve estar muito descoroçoado com a sua terra e com os seus patricios. A'parte as calorosas saudações da imprensa, que amavelmente recordou a personalidade do rapasote bohemio que ha quatorze annos, mercê do seu temperamento rebelde, teve de procurar asylo em terra estranha, onde conquistou um lugar de destaque entre os bons artistas da especialidade, ninguem quiz attentar no singular artista que esse moço cheio de talento é. Mais uma vez se provou que ninguem é caricaturista na sua terra, mórmente se essa terra é, como a nossa, uma exposição de caricaturas...

No salão do Theatro Nacional expoz Leal da Camara os seus trabalhos á contemplação do indigena. Nem por mudar de theatro o caricaturista insigne conseguiu chamar sobre a sua obra, já valiosissima, sobre a sua personalidade de evidente brilho, as attenções geraes. E no emtanto que bellas coisas alli ha para deleite do nosso espirito, para o legitimo orgulho da nossa gente!...

... Pois, caro Leal da Camara, estamos aqui, estamos em setembro. E Paris em setembro já é um encanto. Para os estrangeiros, então, nem é bom fallar n'isso.

E se não nos tornarmos a vér, boa viagem, meu velho, boa viagem!

. . .

Personagens em evidencia de Lourenço Marques — negociantes, funcionarios, capitalistas, etc. — vão offerecer ao ex-governador

Na Nova Guiné põem-se folhas em cima da cabeça da pessoa que se encontra.

No estreito do Sund levanta-se o pé esquerdo da pessoa a quem se quer cumprimentar, põe-se em cima da perna direita, e depois na cara.

Os japonezes tiram um sapato na rua, e em casa põem-se descalços.

## NOTAS DE "SPORT"

### A regata da "Taça Lisboa"



Os detentores da Taça srs. Augusto de Carvalho, David Vianna, Henrique Varanga, Patricio Dias e José Ferreira, membros da Associação Naval da Figueira da Foz

(Phot. de A. C. Lima)

geral da provincia de Moçambique, sr. Augusto Freire de Andrade, uma riquissima baixella, que é um primor d'arte sahido da conhecida joalheria Leitão.

Sendo um serviço para dezoito pessoas, compreende cento e cinquenta e quatro peças, áparte o faqueiro que consta de quatrocentas.

A peça principal, que serve de typo ás restantes, é um lindissimo centro, com as armas de Moçambique e Lourenço Marques, em estylo D. João V. Todas as outras peças, candelabros, salvas, bules, travessas, obedecem rigorosamente ao desenho do centro, sendo a obra de lavrante verdadeiramente inexcédível.

. . .

As festas *sportivas* succedem-se. Estamos na epoca propria. Acompanhal-as, porém, n'um registo embora rapido, seria tarefa impossivel para o chronista e insupportavel para o leitor.

Mas convem destacar, por ter sido a mais brilhante de todas, a regata da taça Lisboa, ha pouco realisada, que resultou magnifica.

E mais nada contem o nosso canhenho.

CAMARA LIMA.

— Manuel, isto é insupportavel. O piano da visinha ouve-se como se estivesse na sala aqui ao lado. Você fechou bem a porta da rua?

— Fechei, patrão, mas se V. S.<sup>a</sup> quer, dou outra volta á chave.

### Modo de cumprimentar de diferentes povos — Sala-Malec

Nas ilhas proximas das Filipinas péga-se na mão, ou no pé, da pessoa que se quer cumprimentar, e esfrega-se a cara com elles. Na Laponia juntam-se com toda a força os dois narizes,

Dois reis negros da costa d'Africa, ao encontrarem-se, apertam por tres vezes o dedo do meio. Os habitantes de Carmena, por prova de maior affecto, abrem uma veia, e offerecem aos amigos um pouco de sangue.

Nas provincias meridionaes da China, a primeira coisa que duas pessoas perguntam quando se encontram, são: *ya yan?* (já comeu o seu arroz). E' este o alimento mais vulgar alli; quem



NOTAS DE "SPORT" — Natação — A travessia do Tejo, de Pedrouços á Trafaria — Um grupo de nadadores

(Phot. de J. Benoit)

não come arroz todos os dias, e a todas as comidas, está de dieta, e por conseguinte doente. Os turcos, quando se encontram, dizem sempre uns aos outros: *Salamalai hom* (a saude vos acompanhe). Foi d'estas palavras árabes que nós derivámos a expressão *Sala-malec*.

## Figuras antigas

V

Agostinho levantou-se agressivamente e avançou para o grupo, já meio estonteado do alcool.

— Hein, canalhas! Eu nunca abocanhei Florinda...

## Exposição de Leal da Camara



A caricatura da Asia

— Tu é que mentes! Ovi eu... ia passando junto á casa de Rosalia... — respondeu um moço indo-lhe ao encontro.

— Então?!... Que é isso?! — interveiu serenamente um velho, mettendo-se de permeio, a separá-los.

E pousando a mão no hombro do Agostinho, disse-lhe brandamente, em voz de conselho:

— Agostinho: é preciso muito juizo. Teu pae foi sempre um homem honrado. E' da minha camada... No nosso tempo, quando um moço abocanhava uma rapariga, não encontrava já na terra outra moça que o quizesse para homem, nem paes que o acceitassem para genro...

— Quando se lhe não quebravam logo os dentes... — interrompeu outro velho, rispidamente.

— Quem se compromete cumpre a sua palavra. Não é agora andares a prometter a Rosalia e fazeres pouco da Florinda!

Agostinho mal protestou.

— Mas eu não prometti, tio Francisco.

— Não negues... Sabe-se tudo... E's um homem sem palavra...

O filho do João Marques conteve-se, por momentos, a ouvir conselhos e invectivas.

Depois encolheu os labios, mostrando um sorriso de malicia desdenhosa.

— Nem me faltava outra coisa... Era mesmo o que me dava a vida... Casar com Rosalia! Ah! Ah! Ah! Deixem-me rir... Se a conhecessem, como eu?...

Esboçou um gesto libidinoso que indicava uma situação infamante.

— Ah! Tu já a conhecias?! ..

— Pois se ella, no Porto, era de porta aberta...

Todos se olharam apavorados, como se lhe annunciasssem uma desgraça subita.

A essa hora, o sino do campanario badalou duas vezes. Era o signal para as creanças que frequentavam a aula de Rosalia irem receber em casa della, a lição de catecismo. Aquellas badaladas foram como que um alarme de incendio. Sem reflectirem, sahiram, correndo, a prevenir do perigo toda a aldeia.

Uma hora depois, a morada de Rosalia estava cercada pelos habitantes da freguezia que, em altos gritos, pediam a sua expulsão da terra. As mães assaltavam-lhe a casa e sahiam, a correr, espavoridas, arrastando, após ellas, as filhitas pelos braços, como se os arrebatassem ás linguas de um fogo.

— Desavergonhada! E a gente a confiar-lhe as filhas!...

— Que vá p'ró Porto!... p'ros soldados!...

— Fóra... Fóra!...

Sobre a casita branca crusavam-se pedras e assobios que os garotos atiravam continuamente.

— Que vá ensinar perdidas!... lá p'ró Porto!... p'ros soldados!...

— Fóra! Fóra com ella!...

Quando lhe tiraram a ultima creança de casa, Rosalia ficou de pé, collada á parede branca da casa, livida e muda, passada de terror, sem comprehender a origem d'aquelle insulto.

Agora, é pegar-lhe pelo braço e deital-a á margem, no esmo!... — açulou uma voz sahida de um grupo de mulheres que voltavam indignadas, a correr, para lhe invadir a casa.

Mas, de repente, um culto bello de rapariga subiu ao limiar, abrindo, corajosamente, os braços, a toda a largura da porta:

— Alto lá! Aqui ninguem entra!...

Era Florinda.

A multidão deteve-a, admirando-lhe o porte generoso.

— Rapazes! — continuou com firmeza — Esta mulher não tem aqui ninguem! E' preciso defendel-a!

N'este momento surgiu o reitor que rompeu apressadamente, pela multidão, até junto de Florinda.

Pediu que lhe trouxessem ali o Agostinho.

O ex-soldado estava perto. Avançou cambaleante, emquanto a multidão, ávida, silenciosa, se apinhava para o ouvir.



Exposição de Leal da Camara — Apaches

(Phot. de J. Benoitel)

— Approxima-te... intimou o padre serenamente.

— Oh! senhor reitor!... Eu só quero a Florinda!... Eu nunca disse mal da Florinda!... E' mentira!... mentira!...

— Não se trata d'isso! — interrompeu já severo. Agostinho baixou os olhos perturbadamente.

— Onde conhecestes Rosalia?

— Foi... foi...

— Responde depressa!

— ... foi n'uma rua do Porto.

— Em que rua?

— Não me lembra... não me lembra o nome...

— Do que vivia Florinda?

Agostinho ficou-se a morder os lábios, na aflicção de encontrar uma resposta.

— Tu mentes! Nunca a viste no Porto!

— E' o que aprendem nas cidades... lá na tropa!...

Perseguiram-n'o até entrar no presbyterio, acumulando invecitivas e maldições.

A' porta da costureira ficava Florinda que deixou a defeza da entrada para correr em socorro de Rosalia que, ao debandar do povo, cahiu de bruços, fulminada, sobre as taboas duras do pavimento.

Ergueu-a carinhosamente e deitou-a, desmaiada, sobre o leito, desapertando-lhe os seios oppressos, molhados de chorar. Tinha o rosto em brasa, e corria-lhe, dos dentes alvos, um fio tenue de sangue. Quando lhe passou no rosto um lenço envolvido em agua, Rosalia abriu os olhos, mas ao reconhecer Florinda com o lenço

## Movimentos de protesto



*O comicio realizado em Lisboa contra o monopolio do peixe*

*(Phot. de A. C. Lima)*

— Ora essa, senhor reitor!... Conheço-lhe até a familia... Da multidão ergueram-se, subitamente, vozes de protesto.

— Mentiu! mentiu!

O reitor ergueu as mãos, com auctoridade, a pedir silencio.

— Deixae-me concluir. Que familia, então, lhe conhecestes?

Agostinho não hesitou:

— O pae, a mãe, duas irmãs...

— Basta! Bem vêdes, meus amigos: Rosalia está innocente.

Em todas as boccas estalavam gritos estranhos de colera. Um braço, entre centenas de mãos que se alçavam ameaçadoras, cahiu sobre a cabeça de Agostinho, derrubando-o no chão.

Mas o reitor levantou a sua voz, alta e solemne, como no pulpito.

— N'este homem ninguem bata! Está ebrio, mal soube o que fez!...

E erguendo-o da terra, encostando-o ao hombro, encaminhou-se com elle para a residencia, seguido do povo que estendia para Agostinho os punhos cerrados.

— Patife! Era só matar-te!

— Calumniador! Bebado!

— Por causa d'elle o que se fez á cachopinha!

tinto de sangue, sacudiu, espavorida, a cabeça do travesseiro, arastando o corpo até á beira do leito, para fugir.

— Para que me faz mal?! supplicou a tremer.

Florinda tomou-a docemente contra o peito, puxando-a de novo para o meio da cama.

— Socegue, Rosalia... Eu sou sua amiga... Não vê?... — mostrou-lhe o lenço ralado de sangue — E' seu... foi de cahir...

— E não me quer mal, não?!...

Florinda debruçou-se, meigamente, a beijar-lhe a fronte.

— Não, Rosalia... eu quero-lhe bem... sou muito sua amiga...

Sentou-se á cabeceira da cama, envolvendo-lhe a cabeça no braço.

— Vê?... vê?... Eu sou sua amiga... Então?!... Socegue... Rosalia tremia, olhando-a receiosamente.

— Mas que quer a Florinda?! Que veio cá fazer?! Que foi isto?! Porque chora?! Porque veio aqui?!

— Vim pedir-lhe perdão... — murmurou Florinda enxugando os olhos.

Neste momento, chegou até ellas o vozear da multidão que, em frente do presbyterio, continuava em gritos contra o Agosti-

no, Rosalia sentou-se bruscamente no leito, apavorada, dilatando os olhos, abraçando-se nervosamente a Florinda.

—Elles voltam!... Querem matar-me!... matar-me!... Vem gente!... muita gente!... Elles voltam!... Elles voltam!... Anoitecera. O vozear do povo deixara de se ouvir.

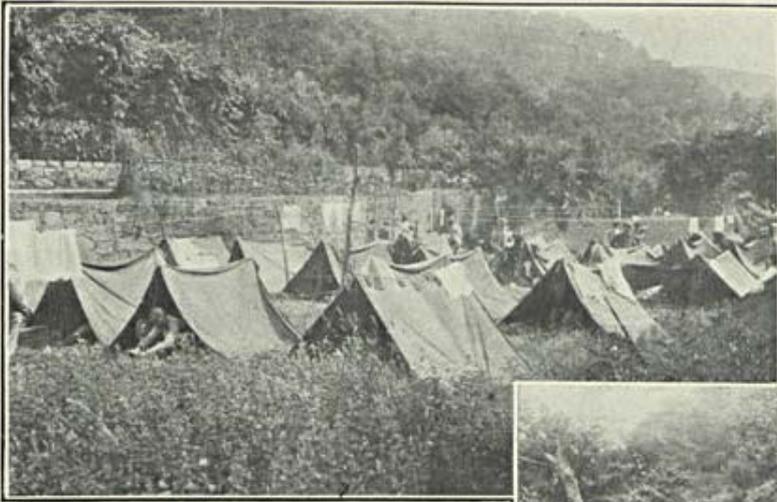
Para a tranquillisar, Florinda fechou a porta e accendeu a candea, voltando a sentar-se no leito.

— Vae ver, Rosalia, vae ver... Amanhã todo o povo lhe quer bem...

Poude, em seguida, contar-lhe os incidentes daquelle dia, as

## A conspiração monarchica

O regimento de infantaria n.º 3, de passagem para a fronteira, acampado em Caldellas



O acampamento

suas proprias ameaças, a calumnia de Agostinho e as fúrias do povo.

Falaram e choraram longo tempo, abraçadas, até madrugada alta...

— E agora?... — perguntou Rosalia.

— Nunca casarei com elle.

— Mas se é bom rapaz... se foi vinho?...

— Não, Rosalia, não... Na nossa terra é assim. Já cá não encontra quem o queira...

O dia seguinte era santo.

A' sahida da missa todo o povo, com o reitor e o Agostinho á frente, se dirigiu para casa de Rosalia, a pedir perdão

Agostinho caminhava desfigurado, macilento, e vestia o traje de campones.

Quando tirou o chapéu, para se curvar na frente de Rosalia que viera á porta, a costureira levantou-o dizendo-lhe sumidamente:

— Que Deus o faça tam bom como seu pae...

— Para que um dia possas merece-la... — segredou Florinda, que estava junto de Rosalia.

E todo o povo, silencioso, arrependido, enquanto o reitor falava, ao vê-la assim tam generosa, macerada e linda, repetia, enternecido, de lagrimas nos olhos, o elogio daquelle tarde saudosa em que ella chegara do Porto:

— «Parece mesmo a Senhora das Dores!»

Passara um anno.

O voto de Florinda tinha-se cumprido, mas, sobre a sua casa, desabara a desgraça.

Em poucos mezes, a mãe extinguiu-se-lhe de velhice, e o cunhado morria sob o peso de um carro de lenha que se voltara sobre elle, esmagando-o contra a arcia falsa de um regato.

Deixara trez filhos, a mulher, mal convalescida de um parto e os renovos floridos, na força do calor e dos cuidados.

Florinda chorava exausta, abatida, sem forças para acudir a tudo. Para maior desgraça, a irmã, que deixara a cama para a ajudar no campo, tolhera-se, voltando ao leito. Os dedos das mãos ficaram-lhe recurvos e duros como garras, as pernas e os braços contorcidos e deformados como raizes seccas e negras. Debalde re-sou, a pedir melhoras. Dia a dia o seu corpo se contorcia e seccava mais, dobrando-se dolorosamente sobre si, como se uma machina de ferro lhe estivesse fazendo dos membros um novello monstruoso.

— Então, raparigas — animavam as visinhas — o mal é orphão, alguém tem que o sustentar...

E sabiam horrorisadas de tanto grito e de tanta dôr.

Florinda não poude mais deixar a casa, e os renovos perderam-se, o inventario e os bentos levaram-lhe as ultimas moedas. Depois vieram os medicos, mil remedios, andaram de banhos em banhos, e ao cabo de dois annos de doença, quando a bocca da irmã se fechava na morte, já em casa não havia uma codea de pão.

«Meus filhos!... meus filhos!...

Reuniu-os e abraçou-os no regaço, quando vieram buscar-lha nas taboas velhas do esquite commum!

Ficou doente, sem forças, e, nos primeiros tempos, os orphãosinhos tiveram fome, andaram rotos, ao frio.

Mas quando a saude voltou, os seus braços trabalharam, e no lar havia já lume e pão.

As suas faces tornaram a acerejar e os seus olhos a scintillar de esperança.

Mas se a morte a levava?



Um grupo de soldados

Um dia que ouviu falar de riquezas feitas na criação da seda, lembrou-se de tanta amoreira infructifera crescendo por aquelles campos, e comprou um punhado de semente que metteu no calor do peito, jubilosamente, na esperança certa de ir chocar uma fortuna.

Os seios virgens que tantas vezes lhe estremeceram na ancia purissima de amamentar filhinhos da sua carne, consolavam-se agora dando calor fecundante a um punhado de vermes que seriam o pão dos orphãosinhos de sua irmã!

E tam afortunada foi neste trabalho, que as velhas arcas varias se encheram, brevemente, de pão e roupa. Renasceu-lhe a alegria, a seiva da mocidade, surprehendendo-se, por vezes, a cantar, quando via as trez creanças rosadas, limpas e fartas.

Mas a irmã levava na alma a certeza de que os filhos lhe ficavam na miseria, e este pensamento ensombrava-lhe a alegria da casa.

Lembrava-lhe frequentemente o ultimo olhar em que a moribunda, á hora da morte, envolvera os filhos pequeninos que andavam debalde pedindo pão, á roda do leito já frio

Uma tarde que sentiu passar na rua um acompanhamento religioso cantando *O Bemdito*, veiu á janella e perguntou a uma vizinha.

— A quem vam dar o *Senhor*?

— A' tia Margarida. Coitadinha! Está na ultima. Naquella edade, ha tanto tempo entrevadinha, até é uma esmola Deus levá-la... Se ella se não salva...

— Sim, se ella se não salva... — concordou Florinda, apressadamente, recolhendo-se a apagar o lume para que os pequenos se não queimassem e a pôr a mantilha de luto para sahir.

Quando chegou á porta da moribunda, já o padre vinha descendo, a cantar *O Bemdito*, seguido do acompanhamento.

Florinda subiu as escadas pressurosa, com o coração latejante, a saltar-lhe de jubilo no peito.

No quarto da enferma ardiam ainda as vellas que lhe allu-

dilataram e offuscaram, até se immobilisarem abertos, vitreos e seccos.

Florinda cerrou-lhos agradecidamente, com piedosa alegria, como se dentro delles fechasse uma carta para o ceu... a descansar a irmã.

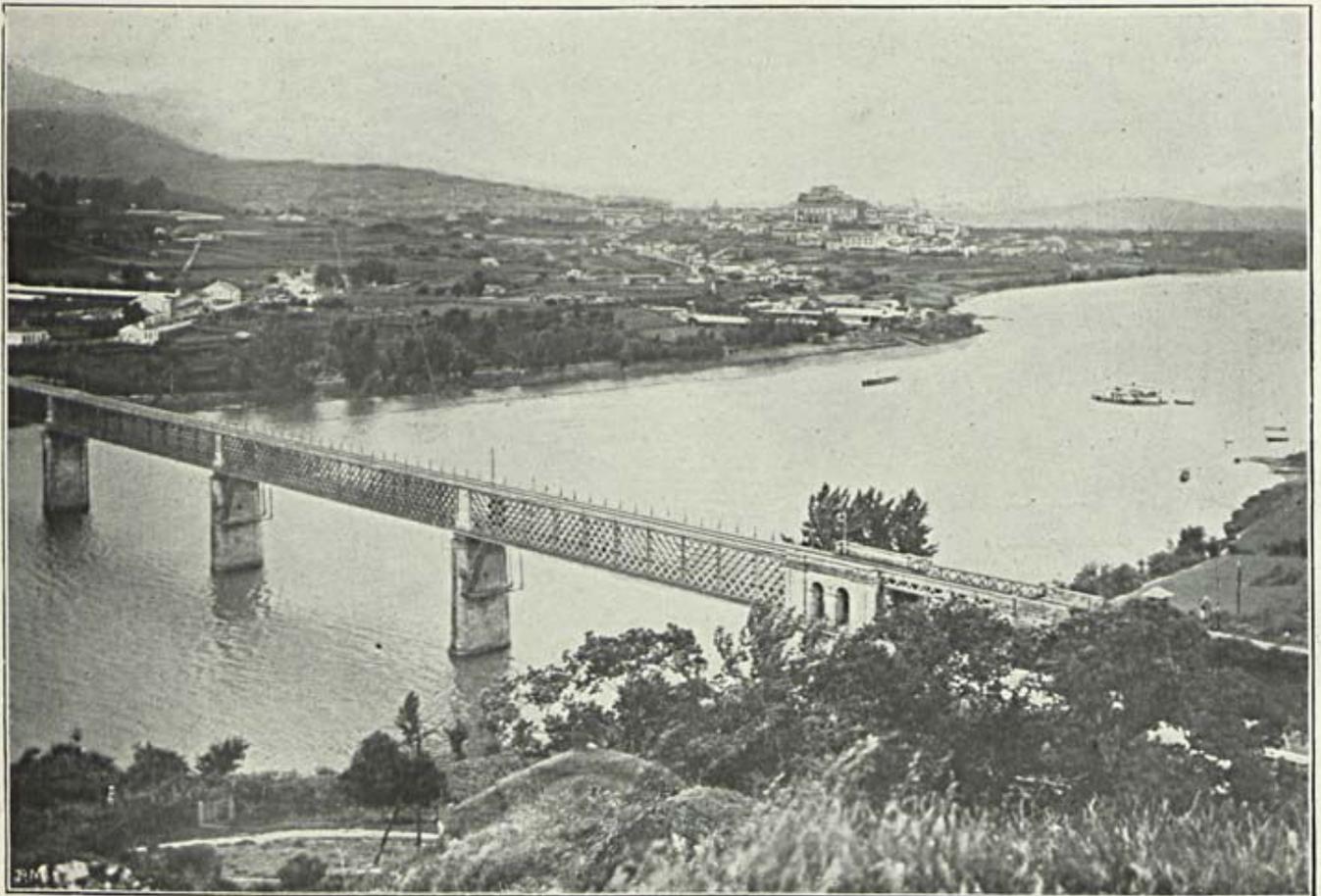
PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

## O Eterno descontente

Um homem descontente com a sorte queixava-se de Deus:

— Deus, dizia elle, dá aos outros as riquezas e a mim não

## A proposito da conspiração monarchica



A ponte internacional que liga Valença a Tuy — Á direita Valença do Minho, em frente terras de Hespanha

(Phot. de J. Benoitel)

miavam o rosto sereno, tocado de uma felicidade longinqua, e, á volta do leito, os netos e os filhos, ajoelhados, amorteciam, contra a roupa, os soluços e as orações.

Florinda debruçou-se, oppressa e tremula, sobre a fronte humida da moribunda:

— Tia Margarida... tia Margarida... — chamou baixo, enxugando-lhe com um lenço as bagas frias de suor.

A velhinha despregou cansada os olhos já baços, fitando-a vagamente.

— Já me não conheces, não? Sou a Florinda?... a filha da Florencia?...

Margarida esboçou na face um gesto affirmativo.

— Diga lá a minha irmã que os pequenos cá andam bem, limpinhos e fartos, como ella os trazia, sim?

A moribunda, fazendo um ultimo esforço, contrahiui dolorosamente os labios n'uma voz sibilante, abafada, que mal se ouviu:

— Pois, sim, Florinda... lá digo... lá digo...

Atacou-a seguidamente uma convulsão em que os olhos se lhe

dá coisa alguma! Como é que eu hei de poder fazer o meu caminho n'esta vida, sem possuir coisa nenhuma?

Um velho ouviu estas palavras e disse-lhe:

— Acaso és tu tão pobre como dizes? Deus não te deu, porventura, saude, mocidade?

— Não digo que não, e até me orgulho bastante da minha força e de verdor dos meus annos.

O velho pegou então na mão direita do homem e perguntou-lhe:

— Deixavas cortar essa mão por mil rublos?

— Nem por dez mil!

— E a esquerda?

— Também não!

— E por dez mil rublos, consentias em ficar cego por toda a vida?

— Nem um olho dava por tal dinheiro! Salvo seja!

— Vês, observou o velho, que riqueza Deus te deu e tu ainda te queixas!

LEÃO TOLSTOI.

# A Memoria

DE

D. Maria Pia de Saboya

## DOLOROSA



Ante a Morta no seu leito  
De amargura e de piedade,  
Curvo a fronte, com respeito,  
Ante a Morta, no seu leito  
Onde morreu de saudade...  
.....

Tão suave e tão serena,  
Recordava vagamente  
Doce lua em noite amena,  
Tão suave e tão serena,  
Caminhando lentamente.

Seus cabellos fulgurantes,  
Eram bellos seus cabellos!  
No diadema de diamantes,  
Dos cabellos fulgurantes,  
Os diamantes tinham zelos.

Suas mãos finas preciosas  
Espalhavam sem cessar,  
Espalhavam carinhosas,  
Suas mãos finas preciosas,  
Muita esmola em muito lar.

Tão altiva e tão serena  
Quanta lagrima enxugou!  
E nas faces de assucena,  
Tão altiva e tão serena,  
Quanto pranto deslisou!...

No sorriso torturado,  
Numa lagrima furtiva,  
No seu peito amargurado,  
No sorriso torturado,  
Quanta magua compassiva!

E na vida proseguindo  
Magoada nos abrolhos,  
As penas que ia sentindo,  
Pela vida proseguindo,  
Espelhavam-se em seus olhos.

E hoje morta no seu leito  
De saudades, de perdão,  
Leva dentro do seu peito,  
Hoje morta nesse leito,  
O seu grande coração.

Seus cabellos fulgurantes  
Levam fios prateados  
Se não levam os diamantes,  
Seus cabellos fulgurantes  
Vão de rosas perfumados.

Branças rosas, cor da lua,  
Muito pallidas, mimosas,  
De brancura igual á sua  
São as rosas cor da lua,  
Que a rodeiam cariciosas.  
.....

Para longe, aonde jaz  
O seu corpo inanimado,  
Onde emfim descansa em paz,  
Para longe aonde jaz  
O seu corpo macerado.

Eu lhe envio uma saudade  
Essa flor magoada e austera;  
E da Terra da Verdade  
Possa ver nessa saudade  
Uma lagrima sincera.

Porque ainda nesse leito  
De agonia e de perdão  
Morreu dentro do seu peito  
O que ainda nesse leito  
Era nosso — O Coração! —

## As muralhas de Constantinopla

**S**AHINDO d'Egri-Kapú, voltei à esquerda, e vi de repente um larguíssimo trecho das famosas muralhas que defendem Stambul do lado de terra.

Passaram-se tres annos desde aquelle momento: mas não posso recordar-me d'elle sem experimentar um sentimento vivissimo de assombro. Não sei em que outro lugar do Oriente se achem assim reunidas a grandeza da obra humana, a magestade da força, a gloria dos seculos, a solemnidade das memorias, a tristeza das ruinas, a formosura da natureza. E' uma vista que a um tempo inspira admiração, veneração e terror; um espectáculo digno de um canto de Homero. Ao primeiro aspecto sente-se vontade de descobrir a cabeça e de gritar: — Glorial como diante de uma phalange interminavel de gigantescos heroes mutilados.

nadas até aos alicerces; as torres dos muros internos quasi todas de pé; mas sem ameias, sem cantos, reduzidas em cima a uma ponta como troncos enormes de arvores aguçados a golpes de machado, e fendidos de cima até baixo ou cavados na base como escolhos roídos pelo mar. Enormissimos pedaços de cantaria, já cahidos das cortinas, atulham a plata-fórma do muro do meio, a do muro exterior e o fosso. Pequenas veredas serpeiam entre os escombros e as hervas e perdem-se na sombra profunda, entre as pedras soltas e os despenhadeiros da terra posta a nú pelos muros precipitados. Cada trecho de baluarte comprehendido entre duas torres é um quadro estupendo de ruinas e de verdura, cheio de magestade e de grandeza. Tudo é colossal, selvatico, hirto, ameaçador e tem o cunho de uma belleza pomposa e triste, que impõe reverencia. Parece que se estão vendo as ruinas de uma cadeia infinita de castellos feudaes, ou os restos de uma d'aquellas muralhas prodigiosas que circumdavam os grandes imperios legendarios da Asia oriental. A Constantinopla do seculo XIX desapareceu; estamos diante da cidade dos Constantinos, respiramos o ar do seculo XV, todos os pensamentos correm para o dia da immensa

## CONSTANTINOPLA



*As muralhas da cidade*

A cinta das muralhas e das torres enormes estende-se até onde chega a vista, subindo e descendo conforme as alturas e as depressões de terreno, ora tão baixa que parece que se profunde na terra, ora tão alta que parece que corôa a summidade de uma montanha; variada em infinitas fórmas de ruinas, tingida de mil côres severas desde o calcareo fosco, quasi negro, até o amarello quente, quasi dourado, e revestida de uma vegetação viçosa de um verde carregado, que trepa aos muros, recahe em grinaldas das ameias e das setteiras, ergue-se em altivos topetes no cimo das torres, amontoa-se em pyramides altissimas, despenha-se quasi em cascatas das cortinas, tapa brechas, fendas e fossos, e avança até á estrada. São tres ordens de muros que formam como que um amphitheatro gigante de ruinas; o muro interior, que é o mais alto, flanqueado a curtos intervallos iguaes, por grossissimas torres quadradas; o do meio reforçado por pequenas torres redondas; o exterior, sem torres, baixissimo, e defendido por um fosso largo e profundo, antigamente cheio com as aguas da Corno Aureo e do Mar da Marmara, agora coberto de hervas e de tojos. Todos estes muros são hoje, com pouca differença, o que eram no dia seguinte á tomada de Constantinopla; porque são pouquissima coisa as restaurações feitas por Mahomet e por Bajazet II. Ali se vêem ainda as brechas que foram abertas pelos canhões enormes de Orban, os vestigios dos golpes dos arietes e das catapultas, os rasgões das minas, e todos os indicios dos logares onde se deram os assaltos mais furiosos e se oppozeram as resistencias mais desesperadas. As torres redondas da muralha do meio estão quasi todas arrui-

queda, e ficamos por um momento assombrados e angustiados.

A porta por onde eu tinha sahido, chamada pelos turcos Egri-Kapú, era aquella famosa porta Caligaria pela qual fez a sua entrada triumphal Justiniano, e por onde entrou depois Alexis Comneno para se assenhorear do throno. Nos primeiros dias do assedio ali se pozera aquelle descommunal canhão de Orban, em torno do qual trabalhavam quatrocentos artilheiros e que cem bois a custo moviam. A porta era defendida por Theodoro de Caristo e por João Gréant contra a ala esquerda do exercito turco que se estendia até ao Corno Aureo. D'aquelle ponto até ao Mar de Marmara não ha nada que nos distraia da contemplação das ruinas. Puz-me a caminho. Andei um longo espaço entre dois cemiterios: um, christão, á esquerda debaixo dos muros; outro mahometano, á direita, vastissimo e assombreado por um bosque de cyprestes. O sol ardia; a estrada estendia-se diante de mim branca e solitaria, e, levantando-se a pouco e pouco, cortava, com uma linha recta, na summidade ás alturas, o céu limpidissimo. De um lado seguiam-se ás torres as torres, do outro aos tumulos os tumulos. Não sentia senão o rumor cadenciado do meu passo, e de quando em quando o restolhar de um lagarto nos trigaeos proximos. Andei assim um largo espaço, até que impensadamente me achei diante de uma bella porta quadrada que tinha por cima um grande arco de volta completa e era flanqueada por duas grossas torres octogonaes. Era a porta de Adrianopolis, a Polyandria dos Gregos; a que sustentou em 625, no tempo de Heraclio, o formidavel embate

dos Avaros, que foi defendida contra Mahomet II pelos irmãos Paulo e Antonino Troilo Bochiardi, e que se tornou depois a porta das saídas e das entradas triumphaes dos exercitos musulmanos. Nem diante de mim nem á roda de mim havia viva alma. De subito sahiram a galope dois cavalleiros turcos, envolveram-me n'uma nuvem de pó e desapareceram pela estrada de Adriano-polis; depois tornou a reinar um silencio profundo.

D'ahi, voltando os costas aos muros, avancei pela estrada de Adrianopolis, descendo ao valle do Lykus, subi a uma altura e achei-me diante da vastissima planura arida e ondulada de Dahud-

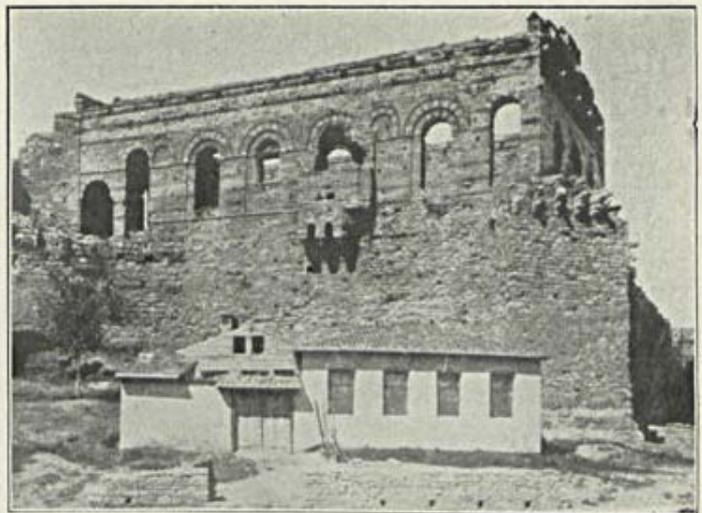


As muralhas de Constantinopla — Uma das portas

Pachá, onde teve o seu quartel-general Mahomet II, durante o assedio de Constantinopla. Estive ali algum tempo immovel, olhando em torno de mim e resguardando os olhos com a mão, como para procurar os vestigios do acampamento imperial e representar a mim mesmo o grande e estranho espectáculo que esse logar devia offerecer ao findar a primavera do anno de 1453. Ali reflua como reflúe ao coração, a vida de todo o enorme exercito que estreitava no seu formidavel amplexo a grande cidade moribunda. D'ali partiam as ordens fulminantes que moviam os braços de cem mil operarios, que faziam com que fossem transportadas por terra duzentas galeras da bahia de Bescitass á bahia de Kassim-pachá, que arrojavam ás entranhas da terra exercitos de mineiros armenios, que soltavam por cem partes os esquadrões de arautos a anunciar a hora dos assaltos, e faziam, no tempo que se emprega em se esbrugar as contas de um rosario, retezar trezentos mil arcos e desembainhar trezentos mil cimitarras. Ali se encontravam os pallidos mensageiros de Constantino com os genovezes de Galata que vinham vender o oleo para se refrescarem os canhões de Orban e com as vedetas mussulmanas que espreitavam da praia do Mar de Marmara se appareciam no horizonte as frotas européas a trazer os ultimos soccorros da christandade ao ultimo baluarte dos Constantinos. Ali havia um formigueiro de christãos renegados, de aventureiros asiaticos, de velhos scheicks, de derviches macilentos e extenuados pelas longas marchas, que iam e vinham afanosamente em torno das tendas de quatorze mil janizaros, entre filas interminaveis de cavallos arreados, e de altos camellos immoveis, no meio de catapultas e de balistas quebradas, de fragmentos de canhões arrebentados, de pyramides de balas enormes de granito; cruzando-se com as procissões dos soldados pulverulentos que levavam, a dois e dois, dos muros para o campo aberto, cadaveres desfigurados e feridos gementes, atravez de uma nuvem perpetua de fumo. No meio do acampamento dos janizaros levantavam-se as tendas variegadas da córte, e por cima d'essas o pavilhão vermelho de

Mahomet II. E todas as manhãs, ao despontar do dia, elle ali estava, erguido diante da abertura do seu pavilhão, pallido da afanosa vigilia da noite, com o seu grande turbante ornado de um pennacho amarello e o seu longo caftan cõr de sangue, e cravava o seu olhar de aguia na immensa cidade que se estendia diante d'elle, atormentando com uma das mãos a densa barba negra, com a outra o cabo de prata do seu punhal recurvo. Ao lado d'elle estava Orban, o inventor do canhão prodigioso que devia, poucos dias depois, estourando, lançar os seus ossos na esplanada do Hippodromo; o almirante Balta-Ogli, já turbado com o presentimento da derrota que fez cahir sobre a sua cabeça o bastão de ouro do Grão-Senhor; o commandante temerario do Epepolin, o grande castello movel, coroado de torres e erriçado de ferro, que depois cahiu em cinzas diante da porta de S. Romano; uma corõa de legistas e de poetas bronzeados pelo sol de cem batalhas; um cortejo de pachás com os membros cobertos de cicatrizes e os caftans rasgados pelas frechas; uma multidão de janizaros agigantados, com os alfanges nús em punho, e de *sciaús* armados de varas de aço, promptos a fazer cahir as cabeças e a rasgar as carnes aos rebeldes e aos velhacos; toda a flor d'aquella infinita multidão asiatica, cheia de juventude, de ferocidade e de força, que estava para arrojarse, como uma torrente de ferro e de fogo, sobre os decrepitos restos do imperio byzantino; e todos immoveis como estatuas, tingidos de cõr de rosa pelos primeiros raios da aurora, contemplavam no horizonte as mil cupulas argenteas da cidade da promissão do Propheta, por baixo das quaes soavam, áquella hora, as preces e os soluços do povo covarde. Eu via os rostos, as attitudes, os punhaes, as pregas das capas e dos caftans, e as grandes sombras que se alongavam no terreno escavado pelas rodas dos canhões e das torres. Mas de subito, deixando cahir os olhos sobre uma grande pedra, meio enterrada no chão, e lendo n'ella uma inscripção tosca, desapareceu aquelle grande quadro como uma visão phantasmagorica, e vi espalharem-se pela planura arida uma multidão alegre de caçadores de Vincennes, de zuavos e de infantes de calças vermelhas, ouvi cantar as cançonetas da Provença e da Normandia; vi o marechal Saint-Arnaud, Canrobert, Forey, Espinasse, Pelissier; reconheci mil rostos e mil côres vivas na minha memoria e caras ao meu coração desde a infancia... e reli com um sentimento inexprimivel de surpresa e de prazer aquella pobre inscripção. A qual dizia: *Eugène Saccard, caporal dans le 22 léger. 16 juin 1854.*

D'ahi tornei a passar pelo valle do Lykus, e voltei á entrada que flanqueia os muros, sempre solitarios e sempre serpeiantes entre as ruinas e os cemiterios. Passei diante da antiga porta militar de Pempti, agora tapada, atravessei outra vez o Lykus, que entra na cidade n'aquelle ponto e cheguei finalmente diante da porta chamada do Canhão, do grande canhão de Orban que estava as-



Ruinas das muralhas de Constantinopla

stado diante d'ella; a porta contra a qual dirigiu o seu ultimo assalto o exercito de Mahomet. Levantando os olhos para o alto dos muros, vi por traz das ameias varios horribeis caras negras, com os cabellos desgrenhados, que olhavam para mim com um

modo de assombro. Soube depois que se aninhara ali uma tribo de ciganos, cravando as suas cabanas nas brechas das cortinas e das torres. Aqui os vestígios da lucta são verdadeiramente gigantescos e soberbos; os muros arrombados, esmigalhados, perfurados; as torres partidas ao meio e informes, as plataformas sepultadas debaixo de montes de calça, as setteiras escancaradas, o terreno revolvido, o fosso atulhado de fragmentos colossaes, que parecem penedos que desabaram de uma montanha. Parece que se pelejou no dia anterior a batalha tremenda, e as ruínas contam melhor do que a voz humana a carnificina horrível de que foram espectadoras. E foi pouco menos do que o mesmo diante de todas as portas, por toda a extensão dos muros. A lucta principiou ao despontar do dia. O exercito ottomano estava dividido em quatro enormes columnas, e era precedido por cem mil voluntarios que formavam uma immensa vanguarda predestinada á morte. Toda esta *chair à canon*, esta turba indisciplinada e temeraria de tartaros, de caucasicos, de arabes, de negros, guiados pelos scheicks, excitados pelos derviches, levados para diante á chicotada por um exercito de *sciaús*, foi a primeira que se arrojou ao assalto coberta de terra e de fachinas, formando uma só cadeia, e soltando um só urro do Mar de Marmara ao Corno Aureo. Chegados á margem do fosso, uma saraivada de ferro e de pedras os faz parar e os esmaga; cahem aos centos, esmagados pelos pedregulhos, atravessados pelas frechas, fulminados pelas balas, queimados pela chamma das espingardas, velhos, creanças, escravos, ladrões, pastores, bandidos; outras turbas, impellidas por outras mais distantes, succedem-lhe; em pouco tempo o fosso e as bordas cobrem-se de montes de cadaveres, de membros palpitanes, de turbantes ensanguentados, de arcos, de cimitarras; sobre os quaes passam mugindo outras torrentes de homens armados, e vão quebrar-se e ensanguentar-se aos pés das cortinas e das torres, debaixo de um chuveiro mais denso de dardos e de pedras, no meio de uma nuvem que esconde os muros, os defensores, os mortos, a estrada; até que mil trombetas ottomanas fazem ouvir os seus clangores selvagens sobre o tumulto da batalha, e a grande vanguarda partida ao meio e sangrenta retrocede confusamente em toda a linha dos muros. Então Mahomet II arroja ao assalto o grosso das suas forças. Tres grandes exercitos, tres inundações humanas, conduzidos por cem pachás, debaixo do fluctuar de mil estandartes, avançam, alargam-se, cobrem as alturas, inundam os valles, descem levantando um pavoroso estrondo de trombetas, de timbales e de espadas, e, soltando um grito: — *La Ilah illa lah!* que retumba como um trovão



As muralhas de Constantinopla — *Aspecto das ruínas*

desde o Corno Aureo até ás Sete Torres, desatam a correr e vão precipitar-se contra os muros como um oceano tempestuoso contra uma riba de rochedos cortados a prumo. Então principia a grande batalha, quer dizer, cem batalhas, nas portas, nas brechas, nos fossos, nas plataformas aos pés das cortinas, de uma á outra extremidade do enorme baluarte secular de Constantinopla. Dez mil setteiras vomitam a morte sobre duzentas mil vidas. Do alto das cortinas e das torres rolam os pedregulhos, as traves, os gabiões

cheios de terra, as fachinas acesas. As escadas carregadas de assaltantes quebram-se; as pontes levadiças das torres de assedio cahem; as catapultas flammejam. Batalhões após batalhões se arrojam e recahem fulminados sobre os escombros, sobre os mortos esmigalhados, sobre os moribundos, no sangue, na agua, sobre as armas dos companheiros, entre um fumo denso, illuminado aqui e além pelas subitas labaredas do fogo grego, entre o sybillar raioso da metralha, entre o estourar das minas, entre os gritos dos mutilados, entre os ribombos formidaveis das dezoito baterias de



As muralhas de Constantinopla — *Um trecho dos baluartes*

Mahomet, que fulminam a cidade das alturas. De espaço a espaço, a batalha affrouxa como para tomar a respiração, e então na larga brecha da porta de S. Romano, atravez do fumo rareado, vê-se por alguns momentos ondear o manto de purpura de Constantino, scintillar as armaduras de Giustiniani e de Francisco de Toledo, e agitar-se confusamente as terríveis figuras dos trezentos besteiros genovezes. Depois reaccende-se a peleja, o fumo torna a esconder as brechas, tornam a encostar-se as escadas aos muros, e recommencam a cahir ruínas sobre ruínas, cadaveres sobre cadaveres,

á porta de Adrianopolis, á porta doirada, á porta de Salymbria, á porta de Tetarté, á porta de Pempti, á porta de Russion, ás Blachernas, ao Heptapurgion; e turbas armadas atravez de turbas armadas, que parece que rebentam do chão, continuam a irromper contra os muros, atravessam o fosso, transpõem as primeiras cortinas, cahem, tornam a levantar-se, trepam para cima pelos escombros, arrastam-se por cima dos cadaveres, debaixo de nuvens de frechas, debaixo de procellas de balas, debaixo de uma chuva de fogo. Finalmente os assaltantes, rareados e extenuados, cedem, retrocedem, disseminam-se e um grito altissimo de victoria e um côro solemne de cantos sagrados se ergue dos muros. Da altura fronteira a S. Romano, Mahomet II, cercado por quatorze mil janizaros, vê e fica algum tempo incerto se deve tentar de novo o assalto ou renunciar á empreza. Mas, voltando um olhar para os seus formidaveis soldados que o encaram frementes de impaciencia e de ira, ergue-se soberbamente nos estribos e solta outra vez o grito de batalha. Então é a vingança de Deus que se desencadeia. Os janizaros respondem com quatorze mil gritos n'um só grito; movem-se as columnas; espalha-se uma turba de derviches pelo campo a reanimar os dispersos, os *sciaús* a fazer parar os fugitivos, os pachás tornam a formar os

batalhões, o Sultão, brandindo a sua massa de ferro, avança entre uma scintillação de cimitarras e de arcos, no meio de um mar de turbantes e de capacetes; na porta de S. Romano torna a cahir uma saraivada de frechas e de balas; Giustiniani, ferido, desaparece, os italianos, desanimados, desordenam-se; o agigantado janizaro Hassan d'Olubad é o primeiro a subir aos baluartes, Constantino, combatendo no meio dos seus ultimos valentes da Moréa, é precipitado das ameias, lucta ainda debaixo da porta, e

cahe no meio dos cadaveres...; cahiu o imperio do Oriente. Diz a tradição que uma grande arvore marcava o sitio onde foi encontrado o corpo de Constantino; mas não vi rastros de tal arvore. Entre aquellas cortinas, onde correram rios de sangue, estava a terra toda branca de pequenas margaritas e de umbelliferas, por cima das quaes volitava uma nuvem de borboletas. Colhi uma flôr

de quinze seculos; e parece que desafiam um novo assalto. N'alguns pontos, nas plataformas, ha cabanas de camponeses, que dão um relevo inesperado, com a sua fragil pequenez, á solida magestade dos muros, e parecem ninhos de passaros suspensos dos flancos dilacerados de uma montanha. E á direita sempre cemiterios, cyprestaes em subida e em descida, valles cobertos de pedras se-



A questão de Marrocos

O tenente coronel Fernandez Silvestre, commandante das tropas hespanholas que estão em Alcacer Kibir



A questão de Marrocos — O Raisuli

O celebre Raisuli, califa de Arzila, é na actualidade um grande amigo da Hespanha; devido a esta amisade os hespanhoes teem conseguido que os seus soldados sejam bem vistos pelos mouros. O Raisuli, cujo rosto nos apresenta o typo accentuadamente arabe, é um personagem importante. Qualquer pessoa de representação que passe em Arzila não deixa de o visitar nem de acceitar a sua hospitalidade, muito concorrendo este facto para que o seu prestigio vá aumentando dia a dia.

para lembrança debaixo dos olhares attonitos dos ciganos, e tornei-me a pôr a caminho.

Os muros estendiam-se diante de mim a perder de vista. Nos logares altos escondiam tão completamente a cidade, que quem o não soubesse, não pensaria nunca que por traz d'aquellas ruinas solitarias e silenciosas pudesse haver uma grande metropole, coroada de grandes monumentos e habitada por uma grande população. Nos logares baixos, pelo contrario, appareciam por traz das ameias pontas prateadas de minarettes, cimos de cupulas, tectos de igrejas gregas, cimos de cyrestes. Aqui e além, por um rasgão das cortinas, via-se de fugida, como por uma porta aberta e fechada, um pedaço de cidade; grupos de casas que pareciam abandonadas, valles desertos, hortas, jardins, e mais ao longe, esfumados na claridade branca do meio-dia, os contornos phantasticos de Stambul. Passei diante da porta emparedada de Tetarté, só indicada por duas torres muito proximas. N'esse espaço os muros estão mais bem conservados. Vêem-se longos trechos das cortinas de Theodosio II, quasi intactas; bellas torres do prefeito do Pretorio Anthemio e do imperador Cyro Constantino, que ostentam ainda gloriosamente sobre a sua cabeça invulnerada a sua corôa

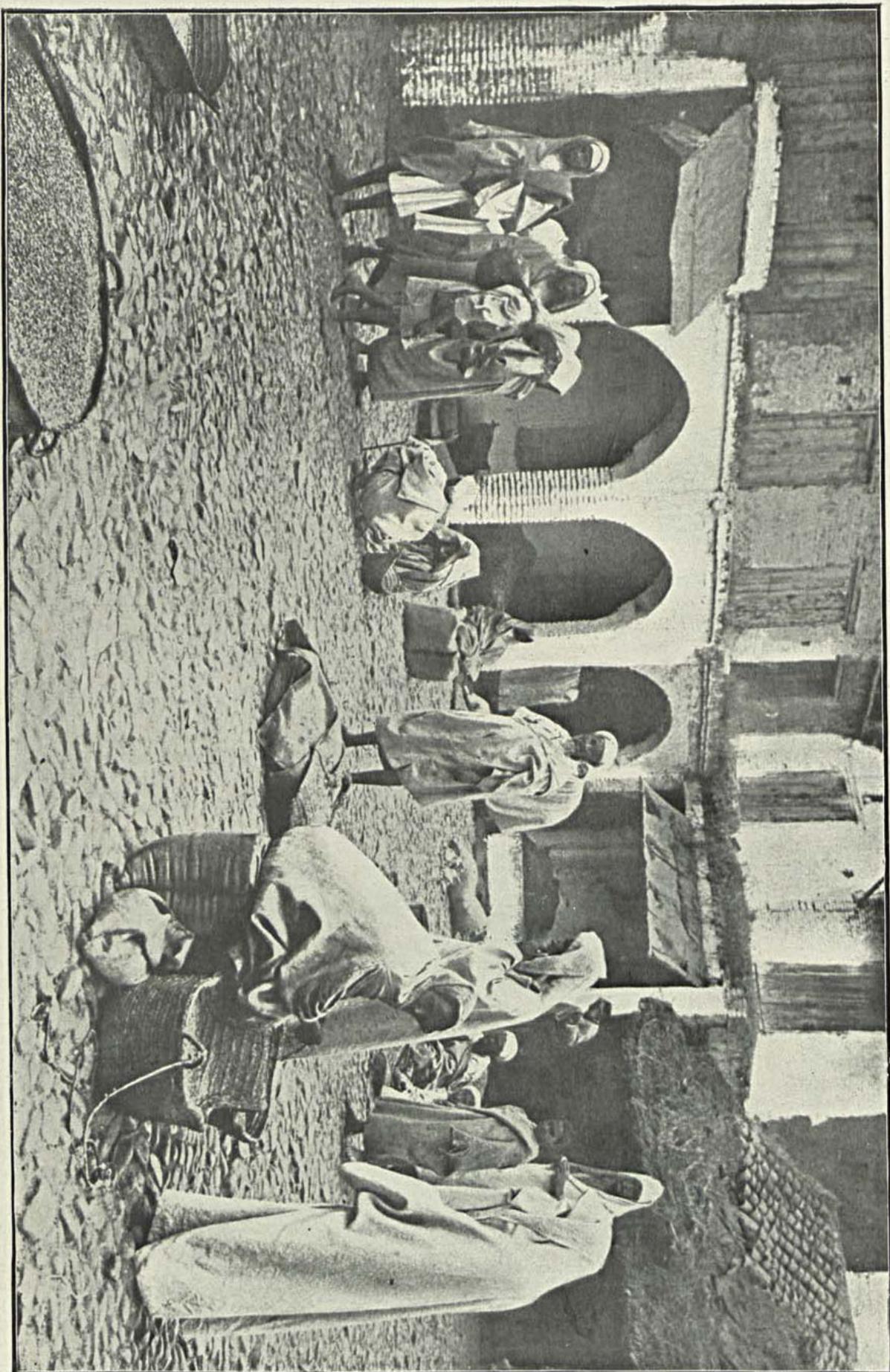
pulchraes; aqui um convento de derviches, meio escondido por uma corôa de platanos; além um café solitario; mais longe uma fonte assombreada por um salgueiro; e para além dos bosques, veredas brancas que se perdem no campo alto e arido, debaixo de um céu offuscante onde pairam bandos de aves.



Typos marroquinos

Depois de um quarto de hora de caminho cheguei diante da porta chamada Yeni-Mewlehane, do nome de um famoso convento de derviches que está na frente: uma porta baixa em que estão engastadas quatro columnas de marmore, e a cujo lado se erguem duas torres quadradas, ornadas com uma inscripção de Justino II e de Sophia, em que a orthographia dos nomes imperiaes está atropellada; exemplo curioso da ignorancia barbara do seculo xv. Olhei para dentro da porta, para os muros, á roda do convento, para os cemiterios; não havia viva alma. Descancei alguns momentos encostado ao parapeto da pequena ponte que atravessa o fosso dos muros e segui de novo o meu caminho.

# Aspectos de Marrocos



Alcazer Kibir n'um dia de mercado

## Familia real da Belgica



Os reis da Belgica, Alberto I e sua esposa Isabel da Baviera

*E' de origem portugueza a actual rainha da Belgica cujo anniversario natalicio passou a 25 de julho. Sua Magestade e filha da Senhora Infanta D. Maria José de Bragança e do principe Carlos Theodoro, duque em Baviera, e irmão da já fallecida imperatriz Isabel de Austria. Por sua mãe descende a actual rainha dos belgas do rei D. Miguel de quem e neta.*

## PENAS

Se eu soubesse que voando  
alcançava o que desejo,  
mandava fazer as azas,  
que as penas são de sobejo.

*Cant. pop.*

Como differem das minhas  
as pennas das avesinhas,  
que de leves leva o ar!  
As minhas pesam-me tanto,  
que ás vezes já nem o pranto  
lhes allivia o pesar.

O passarinho tem pennas,  
que em lindas tardes amenas  
o levam por esses montes,  
de collinas em collinas  
ou nas extensas campinas  
a descobrir horisontes.

Com ellas vive folgando;  
tem penas apenas quando  
alguma penna lhe cae;  
mas a essa pena affaz-se,  
entretanto a outra nasce  
e tudo esquece e... lá vae.

E as minhas penas não cahem  
nem voam nunca, nem sabem  
commigo d'esta amargura!  
Mostram-me apenas na vida  
a estrada, já conhecida,  
trilhada dos sem ventura.

Passam dias passam mezes  
passa o anno muitas vezes  
sem que uma pena se vá!...  
E, se uma vae mais pequena,  
ao depois nem vale a pena  
porque mais penas me dá.

São bem felizes as aves!  
como são leves, suaves  
as pennas, que Deus lhe deu!  
Só as minhas pesam tanto!...  
Ai! se tu soubesses quanto!...  
Sabe-o Deus e sei-o eu.

FERNANDO CALDEIRA.

*(Mocidades)*

## PENSAMENTO

Os homens quando se encontram falam de arte, de dinheiro,  
de jogos e de mulheres; as mulheres... falam das outras.

MADAME MAINTENON.



Rocha Martins

*Um novo e interessante livro sobre historia da nossa terra acaba de ser lançado no mercado, n'uma primorosa edição popular, devido á penna do apreciado escriptor Rocha Martins. Prosador brilhante, possuindo qualidades excepcionaes de observador a que allia, indiscutivelmente, fertilissimos conhecimentos historicos, investigador por temperamento, elle tem conquistado, mercê de um trabalho persistente e da sua intelligencia, um nome glorioso, tornando-se, apesar de novo ainda, uma individualidade de destaque no nosso meio litterario, a qual pela sua probidade artistica se impõe.*

*Todos os seus romances historicos, como a «Maria da Fonte», «Rei Santo», «Madre Paula», «Bocage» e muitos outros, encerram, além de um estudo perfeito e meticoloso da epoca, paginas fulgurantes de genio, embora escriptas por uma fôrma simples, sem atavios de linguagem, para a sua mais facil comprehensão, para que o povo, ao lê-los, delles tire proveito, e n'elles colha conhecimentos profundos, despídos de toda a phantasia, da historia patria.*

*Agora no seu novo trabalho «A Côte de Junot em Portugal», elle seguiu os mesmos processos. A «Verdade» é o seu fito, e por isso nos diç no pequenino prefacio que antecede a narrativa «...apeteci as palavras singelas e a tunica levissima que não pôde encobrir a verdade»; — e assim é: singelo de palavras ao mesmo tempo que vigoroso no traço das personagens e nas descripções, dando-nos uma perfeita ideia do tempo.*

*Um bom livro por todos os titulos recommendavel.*

## Uma linda actriz parisiense

M.<sup>ELLE</sup> LANTELME

### Que morreu afogada

A interessante actriz Lantelme que viajava no Rheno no seu hiate, foi victima de uma submersão, estando seu marido, que com ella viajava, em estado muito grave. Acommetida de uma syncope

rio da casa, com quem veio a casar. Ahi fez varios papeis, depois no «Vaudeville», no «Variétés», no «Odéon», encantadora no *Trio Sultana* e cheia de *verve* no brilhante papel que creou de Mad. Alain no *Vieil homme*. Chegou então a obter o grande favor do publico, acabando por crear a *Gamine*, que foi a sua ultima creação.

Foi no principio do mez que os esposos Edwards, juntamente com varios amigos, embarcaram no seu hiate de nome tão suggestivo *L'Aimée*. Desde logo a viagem foi contrariada por uma avaria na machina, que se reparou apressadamente.

Houve quem, fatalista, propuzesse uma demora de alguns mi-



Quatro das mais bellas photographias de Mlle. Lantelme

proveniente do excessivo calor, caiu ao rio, sendo baldados todos os esforços para a salvar.

Lantelme era o sorriso de Paris na sua ultima incarnação; era a *divette* em voga, a estrella de momento, muito admirada e cortejada. Fez rapidamente fortuna.

A joven actriz era linda, picante, com muito espirito, o espirito parisiense — sal e pimenta — e Réjane logo de começo a protegeu no Gymnasio, para onde entrou desempenhando um pequeno papel na *Age d'aimer* em seguida a sair do Conservatorio.

Espirituosa e com ambições, trabalhou logo muito, entrando para o theatro Réjane, onde conheceu Alfred Edwards, propieta-

nutos, a deixar passar o azar. Mas Lantelme a nada attendeu: estava impaciente por ir fazer o cruzeiro.

Comtudo, á partida definitiva teve um sobresalto: um dos marinheiros era vesgo. E a artista que era supersticiosa, exclamou: «Oxalá que este olho não nos traga azar!» Mas não quiz despedir o homem e concluiu, rindo: «O que fór, ver-se-ha!»

A noticia do fatal accidente foi recebida em Paris por telegramma em que se participava a morte da actriz (Ginette era o seu nome familiar) e o estado grave de seu marido, pedindo-se a comparencia em Emmerich (Rheno) do dr. Dauriae, um amigo da familia e um clinico muito conhecido no meio theatral.

## CANTIGA

Meu coração está doente  
De uma dór que não tem cura...  
Ah! se eu fosse indifferente,  
Não tinha tanta amargura!  
Meu coração está doente  
De uma dór que não tem cura...

Os espinhos denegridos  
Da saudade fazem mal.  
Meus sonhos foram fundidos  
Em maguas de pedra e cal...  
Os espinhos denegridos  
Da saudade fazem mal.

Viesse Deus das Alturas  
Perguntar-me o que eu queria,  
Agora e sempre as doçuras  
De teu riso eu pederia!  
Viesse Deus das Alturas  
Perguntar-me o que eu queria.

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

## Sempre eu

Ha alguem, que te segue e em te seguir não cança,  
A teus olhos occulto, e, amando-te criança,  
Vê um rastro celeste em cada passo teu;  
E esse alguem, que delira e vive só de amar-te,  
Esse alguem, que, febril, te segue em toda a parte,  
Desculpa-me, sou eu.

Um dia no sofá dormias indolente,  
E outro labio roçou o labio teu dormente,  
De leve, e lacteo e nú, teu seio estremeceu;  
Sem corar, accordaste ao toque ardente e terno,  
Suppões, que foi, talvez, um osculo materno...  
Enganas-te, fui eu.

E quando, inda mais tarde, em dias bem distantes,  
Tremereis de prazer teus olhos scintilantes  
De noiva, sob o alvo, do immaculado véo,  
E um moço te disser depois na alcova: — «Eu posso  
Beijar-te agora, és minha, eu amo-te!...» — Esse moço  
Quem sabe, serei eu!

RAYMUNDO CORREA.